

Os “Sete Pecados Capitais”, segundo Tomás de Aquino

Prof. Dr. Marcos Roberto Nunes da Costa¹

Leila Rúbia da Costa Silva²

Resumo

Segundo Tomás de Aquino, Deus, num gesto de amor e benevolência, cria o homem à sua imagem e semelhança. O homem, contudo, não correspondendo a tal gesto de amor, por livre escolha, desvia-se da reta ordem, criando o mal, o qual ou o pecado, que em Tomás de Aquino aparece como uma falta ao amor verdadeiro para com Deus e para com o próximo, por causa de um apego perverso a certos bens. E dentre os principais pecados cometidos pelo homem, Tomás de Aquino aponta os famosos “sete pecados capitais”, que é objeto de estudo da presente comunicação.

Palavras-chave: reta ordem, pecado, mal, livre-arbítrio.

Abstract

According to Thomas of Aquinas, God, in a full loving act and benevolence, creates man after His image and resemblance. Man, however, uncorresponding with a such a full loving act, of his – man’s –own will, turns aside from right order, begetting evil or Sin, which, in Thomas of Aquino’s view-point, is true love lack toward God and toward one’s neighbor, on account of a perverse attachment to certain material goods. Among principal sins, perpetrated by man, Thomas of Aquinas points out famous – saddy famous – “*Seven Capital Sins*” which is this Paper study object.

Key words: Right Order, Sin, Evil, Free Will.

É interessante observar que, embora já se tenham passado muitos séculos desde que nasceram as primeiras reflexões acerca do tema os “sete pecados capitais”, esses continuam presentes na cultura ocidental; ainda que muitas vezes sejam desprezados quanto aos riscos que oferecem para a alma humana. Refletir sobre os pecados capitais é refletir sobre a natureza humana, nossas limitações e nosso anseio por cura e libertação. O homem tem a natureza pecaminosa, que é a capacidade e inclinação humana para fazer tudo aquilo que nos torna reprováveis aos olhos de Deus. O pecado é cometido por indivíduos: são eles (os pecados) pecados deliberados ou pecados por ignorân-

cia. São Tomás de Aquino (1225-1274), em sua infinita riqueza, mostra para o homem que deva “conhecer e dominar suas paixões, extirpar de si os vícios, adquirir e conservar as virtudes, procurar a felicidade e a operação mais elevada e mais perfeita”³. No opúsculo *Os Sete Pecados Capitais*, que é o resultado de uma seleção de trechos das *Questões Disputadas Sobre o Mal e da Suma Teológica*, ele enumera os sete principais pecados humanos: vaidade (soberba), avareza, inveja, ira, luxúria, gula e acídia (preguiça).

Reconhecer o pecado que habita nossa humanidade é um passo indispensável para confiar no Senhor e clamar pela salvação que vem Dele. O motivo para refletirmos sobre os “pecados capitais” é exatamente porque estamos no século XXI, um tempo em que as noções de certo e errado perderam força na sociedade. Honradez, justiça, bondade, coragem, domínio próprio, temperança, paciência, generosidade e humildade são palavras esquecidas por gerações. Os “sete pecados capitais” são o extremo oposto das virtudes, as quais servem como salvação aos pecadores. Mais que isso, as virtudes são valores que pouco a pouco estão sendo extirpados, arrancados do nosso jeito de viver.

Por isso, vale a pena examinarmos aqui, neste pequeno ensaio, os “sete pecados capitais”, que continuam persistindo e angustiando os homens nos tempos atuais.

1 A soberba: o pecado megacapital

São Tomás de Aquino considerou a soberba um pecado específico, embora possa ser encontrado em todos os outros pecados. A soberba é a forma básica ou mãe de todos os pecados. Ela teria sido a responsável pela desobediência de Adão, que provou o fruto proibido com a ambição de se tornar Deus. A soberba leva o homem a desprezar os superiores e a desobedecer às leis. Ela nada mais é que o desejo distorcido de grandeza.

Entre as coisas que o homem naturalmente deseja ser está a excelência, mas o excesso desta é o vício capital conhecido como a rainha ou mãe de todos os pecados: a soberba. É natural ao homem desejar a perfeição no bem desejado, porém a soberba consiste em

superar a própria medida no desejo de superioridade; além disso, ela é um pecado específico, pois o ato e o hábito se especificam segundo as características formais do objeto. Tomás de Aquino, baseado em Aristóteles, descreve o vício da soberba como extremo princípio da auto-suficiência por parte do homem, que transforma a virtude da autonomia em um vício: “os soberbos são insensatos porque se enganam sobre si mesmos, empreendem tarefas honradas e acreditam que são dignos delas, mas fazem assim resultar só a própria insuficiência”⁴.

De acordo com Tomás de Aquino, podemos entender a soberba em três sentidos: 1. quando alguém se gloria em falso, a que chama de falsidade; 2. quando alguém se gloria de um bem que passa facilmente à cobiça e 3. quando ela não se dirige ao devido fim, a imprudência. Em qualquer de suas formas, a soberba acarreta uma desordem na vontade, que é precisamente o pecado. A soberba está muito distante da humildade, característica básica de quem possui algum autoconhecimento. É lamentável que algumas pessoas só percebam esses comportamentos no final de suas vidas

2 A Avariza: o pecado do insaciável

A avariza, do latim *avaritia*, designa o apego exagerado aos objetos e bens que possui. Está intimamente relacionada à cobiça, que significa a sede do possuir, de ter sempre mais. Juntas, conjugam o impulso de obter, conquistar, trazer para si bens de todo tipo e a inclinação a guardá-los, preservá-los, retê-los para si. Num sentido mais geral, a avariza pode ser vista como um traço universal do Humano. Ela tenta disfarçar o conflito com a busca de bens, mas nunca consegue suprir a sensação de carência, sendo um dos fatores que faz com que a pessoa sinta uma insatisfação constante, buscando cada vez mais adquirir bens, acreditando que com a próxima conquista sentirá satisfação, o que nunca ocorre.

Segundo Tomás de Aquino, como os pecados são contrários às virtudes, o ser humano acaba sendo submisso a um círculo de consumismo sem limites, fazendo com que haja uma inversão das virtudes humanas, gerando um círculo escabroso dos desvarios dos pecados capitais. Diz ele: “avariza pode ser o oposto da generosidade e,

neste sentido, a avareza é um defeito no que diz respeito a gastar dinheiro e um excesso no que diz respeito à sua busca e retenção”⁵. Neste contexto, a avareza indica um desvio, uma deturpação, na medida em que significa uma relação de apego aos objetos que, além de excessivo e sem limites, visa a nada além de sua acumulação.

3 A gula: um pecado venial

Tomás de Aquino fala que a gula está ligada aos prazeres do comer e do beber, sem os quais não é possível a vida humana e é por isso que, em relação a esses prazeres, freqüentemente se transgride. Mas sobre esses prazeres podemos analisar dois aspectos: a necessidade e o desejo, num exercício de compreensão dessas ordens de apetites no mundo: “ora, entre todas as paixões, a coisa mais difícil de ordenar é o prazer, segundo a razão, e principalmente os prazeres naturais, que são companheiros de nossa vida”⁶. Por necessidades, entendemos a natureza biológica, sem dela excluir a imensa gama de afetos que envolvem o ato de comer e o de alimentar. Tanto no *Antigo* como no *Novo Testamento*, temos referências ao pecado da gula. Na *Carta aos Gálatas*, o apóstolo Paulo nos mostra uma tensão existente entre carne e espírito como um constante confronto em todos aqueles que foram regenerados.

No campo do desejo, podemos considerar a gula como o excesso de apetite e o apetite, como fome de viver. A gula é considerada um pecado venial que pode ser perdoado. É o pecado que não nos afasta inteiramente de Deus, mostra certa negligência do nosso amor e serviço de Deus, mas não chega a ser uma grave traição.

4 A inveja: aflição pela prosperidade

São Tomás de Aquino fala da inveja como uma tristeza, como um sentimento de infelicidade diante da felicidade alheia, ou da felicidade diante da infelicidade alheia: “ora, sendo a inveja uma tristeza pela glória do outro, considerada como certo mal, segue-se que, movido pela inveja, tenda a fazer coisas contra a ordem moral para atingir o próximo”⁷. Ela é um dos muitos frutos da natureza humana. A inveja

produz profundas lesões na vida espiritual, tão sérias a ponto de lançar os que a cultivam nas trevas eterna. É um pecado que passa despercebido pelos que estão próximos. O invejoso não necessariamente quer o que o outro tem, não necessariamente quer destruir o outro, embora possa fazê-lo através de intrigas, maledicências ou mesmo concretamente. A inveja requer comparação entre o Eu e o Outro e implica o desejo de suprimir as diferenças. É uma maneira de nivelar por baixo: se eu não posso ter, não suporto conviver com alguém que tenha. A cobiça, ao contrário, nivela por cima: se o outro tem, eu também quero ter.

5 A ira: o pecado da insanidade

Desde os estudos das *Escrituras Sagradas* como o *Antigo e Novo Testamento*, o pecado da ira sempre foi uma disposição de Deus. No contexto bíblico, ela está sempre inserida com vários significados. A ira faz com que o homem se afaste de Deus, que se faz presente através da relação com os outros, faz afastar-se de si, impedindo-o que seja o que deve ser e faz afastar-se dos outros. São Tomás de Aquino diz que o pecado da ira pode transformar-se em ações: “ora, acontece freqüentemente que, pelo fim da ira, isto é, por tomar vingança, se comentam muitas ações fora da ordem moral”⁸.

Assim sendo, a ira, tal como outros “seis pecados capitais”, parece ter uma relação mais íntima com a existencialidade humana:

Ora, se atentamos à realidade, diremos que a ira é um movimento de apetite sensitivo e esse movimento pode ser regulado pela razão, põe a serviço dela para sua pronta execução. E como a natureza humana exige que o apetite sensitivo seja movido pela razão⁹.

A linguagem popular pode apoderar-se do fato de que a ira é algo diferente de nós, não inerente ao ser humano normal, fazendo-nos perder a capacidade de controle e uso da razão, com o objetivo de criar expressões e ditos muitas vezes jocosos. Por ter componentes irracionais, a ira não deve ser confundida com o ódio, que pode atingir

seus objetivos destrutivos somente pela racionalidade. O homem conseguiu controlar sua agressividade através da razão, ou seja, utiliza a racionalização como um mecanismo de defesa, mas quando tomado por uma forte emoção nem sempre esses mecanismos atuam. A agressividade gerada pela ira demonstra a incapacidade de racionalizar quando se deixa dominar pela emoção. A ira é uma explosão forte de um sentimento ruim, proveniente de uma contrariedade, de uma desilusão, de um acontecimento inesperado e ruim, de uma inconformidade ou de uma culpa.

6 Acídia (preguiça): o pecado da divagação da mente

Segundo Tomás de Aquino, a “acídia é o tédio ou tristeza em relação aos bens interiores e aos bens do espírito”¹⁰. O ser humano recebe um dom e uma tarefa e é seu dever empenhar com louvor todos as suas capacidades, e a omissão a esse empenho torna-se um pecado, que é descrito por essas características. Tomás liga a acídia à dissipação do espírito, que é filha primogênita da acídia: “a acídia é aquela tristeza modorrenta do coração que não se julga capaz de realizar aquilo para que Deus criou o homem”¹¹. Nesse sentido, melancolia era vista como um desprezo pela vida, que é um dom de Deus. Esse desprezo acaba por provocar uma letargia, que ficou caracterizada como preguiça. O conceito de preguiça se fixou ao mecanicismo tornando a acídia mais uma atitude de prostração e irresponsabilidade do que um descaso espiritual. A acídia não se resume na preguiça física, mas também na preguiça de pensar, sentir e agir. A crença básica da acídia é o não necessitar aprender nada, levando a um movimento limitador das idéias e ações no cotidiano e traduzido pelo “deixa para depois”.

A acídia é considerada pecado mortal ao se opor diretamente ao amor a Deus. É uma falsa consciência da vida humana. Assim, podemos relacionar a acídia a uma depressão que baixa quando o homem encara com lucidez a vida de frente, com seus mistérios e fragilidade. Portanto, é um estado de solidão ou de profunda reflexão.

7 A luxúria: o pecado da natureza humana

A luxúria é uma palavra formada a partir de *luxus* que significa excesso, que vem de oposição à moderação: é o vício oposto à castidade. Ensina-nos Tomás de Aquino que se pode pecar pela luxúria de dois modos:

Primeiro, de um modo que contrarie a reta razão (é o caso da fornicação, do adultério, do incesto...); segundo, de um modo que, além disso, contrarie a própria ordem natural do ato venéreo que convém à espécie humana. É o que constitui o vício contra a natureza¹².

E dentre os vícios da luxúria, explica o Teólogo, um tem gravidade especial em relação às outras espécies de luxúria, aquele que é contra a natureza humana, a saber o homossexualismo: “sim, pois o adultério, a fornicação e o incesto, por abomináveis que sejam, são praticados entre um homem e uma mulher, de um modo conforme a natureza, embora contrário à reta razão.”¹³. Donde conclui S. Tomás que o vício contra a natureza que inclui o homossexualismo é o maior pecado entre todas as espécies de luxúria.

Considerações finais

Depois de examinarmos com atenção todos esses atos, o termo pecado está muito ligado às religiões cristãs e tende a ser rejeitado por uma parcela da população que entende que a forma de condenar algum comportamento como pecado, cuja violação traria uma condenação eterna, cercearia a liberdade de escolha do indivíduo e geraria discriminação de pessoas que se comportam assim por opção, principalmente esses não trazem prejuízos a terceiros. Podemos perceber que os “Sete Pecados Capitais” são atitudes normais do ser humano, que escapam do quadro da racionalidade e que, por isso, se converteram em vícios. São Tomás de Aquino deixa claro que, se existe pecado, não é para que o homem se desespere de si próprio e de seu destino e futuro, mas para que possa, cada vez mais, viver sua dignida-

de e aquilo para qual é destinado em sua condição de criatura: ser imagem e semelhança daquele que amorosamente o desejou e criou: Deus.

Notas

- ¹ Professor do Mestrado em Ciências da Religião – UNICAP, Professor do departamento de filosofia da UNICAP, Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Filosofia Antiga e Medieval – GEPPAM/UNICAP/CNPq, atual Presidente da Comissão Brasileira de Filosofia Medieval – SBFM.
- ² Graduanda em Filosofia pela UNICAP. e-mail: leilarubia@hotmail.com
- ³ GILSON, Etienne. **A filosofia na Idade Média**. 3. ed. Trad. de Eduardo Brandão. Rev. de Carlos Eduardo Silveira Matos. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p .669.
- ⁴ ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1973. IV 2; 1122a/20 - 1123a/30
- ⁵ Cf. AQUINO, Santo Tomás de. **Sobre o ensino - Os sete pecados capitais**. Trad. e estudos introdutórios de Jean Lauand. São Paulo: Martins Fontes, 2001. *De malo*, questão 13, artigo 1.
- ⁶ Cf. *Ibid.*, *De malo*, questão 14, artigo 1
- ⁷ Cf. *Ibid.*, *De malo*, questão 10, artigo 3.
- ⁸ Cf. *Ibid.*, *De malo*, questão 12, artigo 5.
- ⁹ Cf. *Ibid.*, *De malo*, questão 12, artigo 1.
- ¹⁰ Cf. *Ibid.*, *De malo*, questão 11, artigo 1.
- ¹¹ *Ibid.*
- ¹² Cf. AQUINO, Santo Tomás de. **Suma teológica** – Parte II – Questões 123-189. São Paulo: Loyola, 2002. II-II, questão 154, artigo 11.
- ¹³ *Ibid.*, II-II, questão 154, artigo 12.

Referências

AQUINO, Santo Tomás de. **Suma teológica** – I Seção da Parte II – Questões 49-114. São Paulo: Loyola, 2005. vol. IV, 938 p.

_____. **Sobre o ensino e Os sete pecados capitais**. Sel., trad. e introd. de Luiz Jean Lauand. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 147 p.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1973. (Coleção Os pensadores).

GILSON, Etienne. **A filosofia na Idade Média**. 3. ed. Trad. de Eduardo Brandão. Rev. de Carlos Eduardo Silveira Matos. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 949 p.

Endereços para contato:

Leila Rúbia da Costa Silva

e-mail: leilarubia@hotmail.com

Prof. Dr. Marcos Roberto Nunes Costa

e-mail: marcosc@unicap.br